

LAZER/ÓCIO, TEATRO E ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

Recebido em: 21/02/2008

Aceito em: 20/03/2008

Marcelino de Sousa Lopes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Portugal

RESUMO: Este artigo aborda as relações entre Ócio, Lazer, Animação Sociocultural e Teatro como espaços e tempos destinados à participação humana na construção da sua autonomia e do seu auto – desenvolvimento numa perspectiva cidadã. Reflete sobre a evolução histórica do ócio e lazer, e da sua conseqüente ligação à educação, à humanização e ao diálogo interpessoal, em que o teatro assume grande relevância a partir das suas técnicas participativas.

PALAVRAS-CHAVE: Ócio. Lazer. Teatro. Animação Sociocultural. Autonomia.

LEISURE/IDLENESS, THEATRE AND SOCIO-CULTURAL ANIMATION

ABSTRACT: This article broach the relations among Idleness, Leisure, Socio-cultural Animation and Theatre as spaces and times bound for the human participation in the construction of its own autonomy and its self-development in a citizen perspective. It reflects on historical evolution of idleness and leisure and its consequent connection to education, humanisation and interpersonal dialogue where the theatre assume a great outstanding from it's participates techniques.

KEYWORDS: Idleness. Leisure. Theatre. Socio-cultural Animation. Autonomy.

O conceito de tempos livres tem constituído, ao longo da história, um meio para inculcações várias, umas positivas e outras negativas. Assim, assistimos a acções criativas, lúdicas, recreativas, culturais, sociais, educativas, etc. e, também dirigidas à passividade, à manipulação, à alienação, à intoxicação, à resignação, [...]

Constatamos ainda a confusão existente entre autores, para quem o lazer é equivalente ao ócio, e entre alguns pedagogos e economistas, mais nomistas que ecos,

para quem lazer é equivalente à recreação e actividades desportivas e o ócio se reduz a negócio.

Mas, afinal, de que falamos quando falamos em lazer e em ócio?

No seu sentido etimológico, a palavra lazer deriva do latim *licere* e significa «ser lícito», «ser permitido», «ser livre», «tempo disponível para se poder fazer qualquer coisa».

A palavra ócio também deriva do latim *otíu-*, «descanso», «repouso», «descanso longe dos negócios», «longe das actividades políticas», «inacção», «ociosidade», «repouso estudioso», «estudos realizados com descanso», «trabalho de gabinete», «paz», «calma», «tranquilidade». O Dicionário Lello (1974), diz-nos que ócio é sinónimo de «folga de trabalho», «vagar», «lazer», «estado de quem não faz nada», «tempo de que se pode dispor», «trabalho suave e agradável».

Pelo quadro exposto, parece-nos que estamos perante o verso e o reverso de uma mesma realidade. Todavia, há na dimensão do lazer uma perspectiva somente positiva enquanto que as leituras relativas ao ócio apresentam-nos uma perspectiva dialéctica, onde, por um lado, contempla o positivo expresso através de descanso, repouso estudioso, paz, calma, tempo de que se pode dispor [...], e por outro lado, projecta sentidos contrários, nomeadamente: ociosidade entendida como mãe de todos os vícios, inacção compreendida como passividade.

Assim, a nossa perspectiva de entendimento do tempo liberto (totalmente livre) assenta no Lazer também associado àquele tempo de ócio positivo que rejeita a ociosidade, a passividade, a resignação e se liga à necessidade de o ser humano ser actor/protagonista do seu próprio desenvolvimento.

Um lazer assim entendido projecta o ser humano para as dimensões da autonomia e da liberdade, conferindo-lhe capacidade de escolha, poder de iniciativa e aparecendo associado a uma necessidade humana e a uma projecção sociocultural.

É com este princípio que nos propomos a analisar as questões do Lazer e Ócio vinculadas à Animação Sociocultural e ao Teatro.

A Animação Sociocultural é para nós uma metodologia de intervenção assente em técnicas sociais, culturais e educativas que procuram junto do ser humano uma participação comprometida com a sua autonomia, o seu auto-desenvolvimento rumo a uma cidadania plena.

Neste contexto também a nossa noção de Teatro apresenta-se como um conjunto de técnicas que se tornam um eficaz meio de Animação Sociocultural, já que visam transformar o ver em fazer e associam-se à imperiosa necessidade humana do homem ser mais humano, ser actor em vez de espectador, isto é um ser que age, que interage, que comunica, que é solidário, que é expressivo, desinibido, confiante e participativo.

A Animação Sociocultural no contexto do Lazer do Ócio e do Teatro

Para Cuenca (2006, p. 128) o ócio é entendido como uma experiência pessoal complexa, é um fenómeno social multidimensional.

O tempo livre é uma designação mais recente e aparece associado ao emergir da sociedade industrial. Neste principio a ligação da Animação Sociocultural aparece mais associada ao tempo livre que ao ócio.

Isto foi o que se passou no século XX todavia no século XXI o ócio e o lazer não podem ser dissociados da perspectiva da Animação Sociocultural. Novamente Cuenca dá-nos essa perspectiva ao enumerar para este novo século alguns desafios que se colocam ao lazer e ócio: *o que fazer para que o ócio não seja uma experiência*

estéril? O que fazer para que o ócio permita a realização pessoal e comunitária? O que fazer para conseguir um ócio amadurecido e adequado a cada qual? É aqui que a Animação Sociocultural pode e deve intervir no sentido de conferir à pessoa ócios e tempos positivos.

Também, Ezequiel Ander-Egg (2000) manifesta a opinião que as questões relativas ao tempo livre, se situam no coração da Animação Sociocultural, como forma de intervenção social e neste propósito é possível encontrar uma estratégia de intervenção assente nos seguintes pressupostos:

- Transformar uma cultura do ócio, (superando o conceito de neg - ócio), onde as pessoas são meras espectadoras e simples consumidores em algo onde o ser humano seja protagonista em tudo aquilo que diga respeito a sua vida social e pessoal;

- O ócio deve estar ligado a uma participação comprometida rumo à autonomia plena assente nos desideratos de uma educação em estado de permanência, projectando valores sociais e estéticos.

Manuel Cuenca lança à Animação Sociocultural os desafios que o tempo de ócio solidário pode conferir nomeadamente a uma educação para os valores.

“A partir das experiências de ócio, a animação sociocultural pode transcender outros âmbitos de identificação e individualização, chegando assim a aprofundar e pôr em prática, valores como: respeito, diálogo ou tolerância, juntamente com capacidades como compreensão ou empatia” (CUENCA, 2006, p. 13).

Fernando Savater, um dos grandes pensadores do nosso tempo, dá-nos a perspectiva daquilo que um programa de Animação Sociocultural deve oferecer sobretudo para o emergir de acções de educação para um tempo de ócio que permita ao ser humano ser crítico e rejeitar o mero consumismo. Para isto é requerido cultura e leitura crítica da realidade:

“Porque é a cultura que prepara o homem para o ócio: não só para a produtividade e para a vida de trabalho, mas também para poder criar e recriar coisas nos momentos em que não trabalha para outros. A cultura permite ao indivíduo utilizar a totalidade das suas forças em vista dos seus gostos, sem necessidade de os comprar.” “[...] Uma pessoa culta aproveita os momentos de descanso para desenvolver o que traz dentro de si.” “[...] Utiliza os seus conhecimentos, a sua memória e a sua sensibilidade, para dar origem a qualquer coisa que se distingue do trabalho quotidiano.”

“Estas razões fazem que educar não deva ter apenas em vista a capacidade de desempenhar um ofício ou uma profissão; é necessário educar também para o ócio, e em vista da conquista de uma capacidade criativa, que nos evite viver esses momentos limitados ao esbanjamento e ao consumo, como fazem os que ficam prisioneiros da sua própria incultura” (SAVATER, 2004, p. 57).

Muitas são as cumplicidades existentes entre Ócio e Animação Sociocultural neste contexto importa trazer à colação uma série de sinais que expressam visões plurais deste tempo povoado de significados.

Assim, numa visão diacrônica contemporânea, apresentamos no quadro abaixo referido um conjunto de perspectivas sintéticas de ócio e lazer:

Data	Autor	Propósitos
Anos 60	Dumazedier	A partir dos Clássicos três (D s) Descanso, Diversão e Desenvolvimento podemos projectar as seguintes Dimensões: - Tempo Livre Liberto: onde o ócio tem lugar no tempo que fica após o ser humano ter satisfeito as suas obrigações sociais, profissionais e familiares.
Anos 60	Gerges Friedman	Apologia de um tempo de Lazer ligado à participação do ser humano com implicações numa intervenção comprometida com o seu desenvolvimento social, cultural e humano.
Anos 60	Max kaplan	Ócio como antítese do trabalho quando este apenas se relaciona com a sua função econômica. Quando complemento do trabalho constitui uma fonte de auto - realização e prazer. Expectativa ilusória e promotora de lembranças agradáveis provenientes de ações ociosas. Noção Psicológica de Liberdade. Reclama um mínimo de obrigações sociais. Ócio que procura uma relação com os valores culturais da sociedade. Ócio que adquire uma importância variável que vai desde o fútil ao transcendente. O ócio é conotado na maioria das vezes com uma caracterização assente na componente lúdica.
Anos 60	Paul Chauchard	O Lazer Associado ao compromisso com o desenvolvimento social, cultural e educativo do ser humano.

Anos 70	Parry e Parry	O Lazer é um fenômeno social que envolve constrangimentos e obrigações sociais, podendo ser melhor percebido se incluído num determinado contexto ou estilo de vida
Anos 80	Lopez Andrada	Projecta cinco dimensões do ócio: três positivas (ócio) e duas negativas (ociosidade): Ócio Formação: Apresentado como um nível superior de utilização do ócio assente na realização de actividades culturais, na educação permanente e na contemplação artística, que promove o enriquecimento espiritual da pessoa numa similitude a ideal grego clássico. Ócio Entretimento: Assume um carácter de simples distração, passatempo ou diversão e liga-se aos processos difusos de animação levados a cabo de forma espontânea e não intencional. Ócio Descanso: É o emprego do tempo livre como simples retemperador de forças a nível físico e psíquico. Não fazer nada pode constituir um tempo de- veras importantes se o mesmo constituir uma reflexão sobre nós mesmos e servir para readquirir energias. Aborrecimento – Ociosidade: Trate-se de um nível inferior expresso no mau aproveitamento do tempo livre e neste contexto não é digno de figurar como ócio mas sim como ociosidade. Caracterizasse por um estado de permanente apatia e inactividade que conduz a perda de sentido crítico, de frustração e de resignação. Consumo – Ociosidade: Descreve-se como um estádio em que o indivíduo delega nas empresas de serviços e nas indústrias de ócio a tarefa de organizar entretenimentos para o seu tempo livre. Existe uma situação de dependência do indivíduo em relação à sociedade de consumo, onde frequentemente é manipulado e despersonalizado.
Anos 90	José António Caride	Apresenta três perspectivas para o ócio: o ócio e o tempo livre como uma dimensão básica da vida quotidiana das pessoas, realçando os hábitos e comportamentos socioculturais Realça a necessidade de uma orientação educativa e considera o ócio como factor de desenvolvimento integral da pessoa humana, dentro deste ponto de vista, o ócio é valorizado como âmbito de expansão cultural idônea para promover experiências com fins formativos e terapêuticos. O ócio e o tempo livre como problemática social deve ser um tempo gerador de serviços sociais com o intuito de suprimir a passividade e a alienação das pessoas.
Anos 90	Manuel Cuenca	Para este autor o Ócio tem adquirido uma dimensão terapêutica e solidária, já que constitui uma ótima estratégia para educação para a saúde, nomeadamente na higiene, e em hábitos de vida saudável; O ócio actua como experiencia paliativa uma vez que permite às pessoas adaptarem-se às mudanças de desenvolvimento e aos diversos acontecimentos sociais. O riso, o divertimento ou o

		contágio da alegria constitui em muitos casos, a melhor medicina; Animar o tempo de ócio a partir de vivências e convivências satisfatórias. Habitar ócios solidários, criativos ligados a acções de carácter social, cultural e educativo.
2000	Nestor Canclini	O Lazer associado aos três d(s) da actualidade: desiguais, diferentes e desconectados
2000	Fernando Savater	Este autor projecta para o século XXI a assunção de um ócio que tende para a ociosidade. A negação do ócio como tempo positivo. A imperiosa necessidade de existirem programas de educação para o ócio.
2000	Torkildsen G	Projecta o Lazer a partir de cinco dimensões: - o lazer como tempo, o lazer como actividade; o lazer como estado; o lazer como um todo e o lazer como um modo de vida.
2000	Nelson Marcellino	O Lazer como espaço de humanização. O Lazer como meio de restabelecimento de energias a partir da interacção humana. Apologia de um Lazer educativo e a rejeição do Lazer como um tempo meramente consumista.

Nos últimos cinquenta anos apareceu a tríade dos d (s) associados à evolução do Lazer e do Ócio, todavia constatamos que se exceptuarmos a dimensão positiva explicitada por Dumazedier nos anos 60/70, a evolução dos mesmos projecta-nos o negativismo dos anos subseqüentes.

Evolução histórica dos três D (s)

Anos 60 / 70	Dumazedier	Associação dos três d(s) a: Descanso, Diversão e Desenvolvimento.
Anos 80 / 90	Leif	Associação dos três d (s) a: Droga, Delinquência e Depressões.
Anos 2000 e seguintes	Nestor Canclini	Associação dos três d(s) a: Diferentes, Desiguais e Desconectados.

O Ócio e o Lazer na actualidade

Na actualidade, Savater (2004) retrata um cenário de ócio catastrófico e traz à colação um pensamento de Mario Benedetti que refere:

”Neste mundo há três espécies de pessoas: as pessoas que se matam a trabalhar, as que deveriam trabalhar e as que deveriam matar-se.”

Novamente este filósofo ibérico lembra as promessas feitas, por diversos autores que projectavam no século XX, a civilização do pleno ócio para o século XXI.

“Nos começos do século XX, autores de ficção-científica e utopistas imaginaram que estávamos a caminho de uma civilização do ócio, na qual se trabalharia menos e haveria mais tempo para o descanso, a criatividade e o jogo.”

“O que aconteceu foi algo de parecido, mas sob um signo bastante mais sinistro. Em vez de alcançarmos a civilização do ócio, vivemos na civilização do desemprego. Esta é composta por grupos de pessoas que trabalham muito, horas e horas, mas só para defenderem os seus postos de trabalho, para que não lhos tirem. As pessoas chegam a ponto de renunciar aos seus períodos de descanso e obrigam-se a fazer horas extraordinárias.

Por outro lado, há outros milhões de pessoas que não têm acesso ao trabalho, vivem no desemprego, da assistência pública no melhor dos casos, porque em numerosos países são simplesmente indigentes que não têm maneira de conseguir quaisquer rendimentos.

Esta situação contraditória fez com que se produzisse uma modificação no sentido do ócio. Este deixou hoje de ser um tempo de descanso. Tornou-se [...] o momento do gasto, do consumo. Assim, esforçamo-nos mais e sofremos maior stress nos momentos de ócio que nos de trabalho. Porque é nos momentos de ócio que cada um tem de pensar em que e como comprar tudo aquilo que o diverte ou lhe pode proporcionar a impressão de um estatuto superior.

Neste regime desproporcionado de trabalho, uns morrem de enfarto por excesso de ocupação, enquanto outros morrem de fome ou de abandono por terem perdido as possibilidades de integração laboral na sociedade.”(SAVATER, 2004, p. 58-59).

Neste quadro aterrador de ócio associado a negócio é relançada a questão social do ócio. A evidência demonstra-nos que só possui tempo de ócio quem possui tempo de trabalho. O ócio apresenta-se, assim, como uma construção social, que para o ter é necessário possuir estatuto social, poder aquisitivo, isto é poder económico. O desempregado não tem ócio tem ociosidade, tem o “pão e circo” deste novo tempo que é a ociosidade, a ilusão de não poder ter as coisa e fica-se no ver, ilude-se com a vida dos outros para esquecer a sua própria vida, exemplo disto são algumas das telenovelas, a alienação e a manipulação.

“Frenesim consumista, mutilação da vida: na esteira da crítica marxista à religião, os filósofos e sociólogos interpretaram a propensão para comprar como um novo ópio do povo destinado a compensar o tédio do trabalho segmentado, as falhas da mobilidade social, a infelicidade da solidão.” Sofro logo compro “: quanto mais isolado ou frustrado, mais o individuo tende a procurar consolação na felicidade imediata da compra. Sucedâneo da verdadeira vida, o consumo apenas exerce a sua influência na medida em que tem a capacidade de confundir ou adormecer, de funcionar como um paliativo dos desejos frustrados do homem moderno” (LIPOVETSKY, 2007, p. 51).

O tempo de Lazer e o tempo de ócio aparecem assim desvirtuados até por acadêmicos que reduzem o ócio e o lazer a actividades de desporto radical, ao mero turismo de aventura, ao viver de situações sem conviverem, enfim a um vazio de conteúdo que se encontra nos antípodas das correntes pedagógicas preconizadas pelos pedagogos do ócio e do lazer.

“Já não se trata apenas de vender serviços: é preciso oferecer vivências, acontecimentos inesperados e extraordinários capazes de gerar emoção, laços, afectos, sensações.” “[...] a civilização do objecto foi substituída por uma economia da experiência, das actividades de lazer e do espectáculo, do jogo, do turismo e da distração.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 54).

Que tempo de ócio este em que tudo se reduz ao imediatismo, às imagens desligadas da realidade e onde a aparente felicidade se reduz ao consumir ou ao ter em vez de ser.

“Assistimos a teatralização dos pontos de venda, à animação de tipos diversos, ao” marketing experiencial “com o objectivo de criar ambiências de convivialidade e de desejos, de associar o prazer a frequência dos espaços de venda. Enquanto os peritos anglosaxónicos falam de fun shopping, os centros comerciais e lojas na vanguarda,” transformar as zonas de tempo obrigatório em zonas de tempo dedicado ao prazer “. Contudo, por muito importantes que sejam, estas estratégias não explicam tudo. A verdade é que existe uma ligação íntima, estrutural, entre hiperconsumo e hedonismo: esta ligação consiste precisamente no facto de a mudança e a novidade se terem tornado o princípio generalizado da economia material enquanto economia psíquica.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 57).

Nesta primeira década do século XXI está a emergir o ócio / negócio. O ser humano afirma-se pelo consumir. O ócio e o tempo de lazer tem constituído espaços de

intervenção para as ditas empresas de lazer e ócio oferecerem serviços onde reduzem os utentes a números e a meros consumidores.

Os economistas assinalam a expansão do consumo das actividades de lazer, mas, na verdade, é todo o consumo que funciona como lazer. Hoje, no Homo consumans, existe mais do que nunca o Homo ludens, e o prazer do consumo assemelha-se àquele que proporcionam as actividades de diversão. Não restam dúvidas de que esta capacidade de criar distração lúdica e movimento «interior» é um dos grandes factores que alimentam a escalada interminável das necessidades (LIPOVETSKY, 2007, p. 58).

É neste contexto que surge a esperança do retorno ao Lazer humanizante projectado na actualidade por Marcelino e cujas reminiscências se localizam nos anos 60/70. Um lazer que liga o recrear ao recriar, isto é um espaço de diversão para ser seres criadores e recriadores que rejeitam a repetição, o monocórdismo, a trivialidade [...]

É preciso voltar ao verdadeiro sentido da palavra recreação: recrear-se é re-criar-se. Mergulhado em más condições desumanizantes, o homem deve encontrar nos seus lazeres um meio de sair dessa desnaturaçãõ para reconstruir a realidade do seu ser. Nas condições de vida do meio urbano, marcado pela técnica, recrear-se é retomar contacto com uma vida mais natural. É de modo especial, sair das ideias para retomar contacto com tarefas simples que eram as do homem de outrora ao procurar assegurar a sua vida (CHAUCHARD, 1968, p.65).

Um lazer que associe o viver ao conviver, o agir ao interagir, isto é um lazer que promova o encontro à partilha de saberes, vivências, aprendizagens. Um lazer que já nos distantes anos 70 projectava a vivência e a convivência intercultural e rejeitava a clausura e o homem solitário no meio da multidão.

“Tempo da distensão, da cultura e da reflexão, o tempo dos lazeres deve ser o tempo do encontro pessoal com o outro, na igualdade respeitadora das diferenças. Aí ainda, trata-se de aprender, de aprender a amar-se fora de toda a sentimentalidade e de todo o paternalismo. Esse tempo será falhado, se continuarmos a fechar-nos em lazeres de classes ou de raça. [...] O tempo dos lazeres deve ser o tempo do conhecimento do próximo diferente, do próximo longínquo. [...] Enclausurados na solidão do nosso enervamento, é-nos impossível comunicar com o outro, por maior que seja a necessidade que disso sintamos. Aparentemente, tendo os olhos abertos, nós vemos o outro e ouvimo-lo e respondemos-lhe. Mas na realidade, não o vemos verdadeiramente, não o escutamos. Prosseguimos o nosso diálogo solitário; escutamo-nos a nós mesmos; o dialogo mais freqüente e o mais espontâneo é um dialogo de surdos [...]” “[...] O trabalho cívico de expansão comunitária humana pelo compromisso de todos, é um aspecto particularmente importante da humanização dos homens que devem consagrar

uma parte dos seus laboriosos lazeres ao serviço dos seus vizinhos, tornando-se assim modelos para as outras comunidades de toda a terra [...].”(CHAUCHARD, 1968, p.165).

Teatro/ Lazer / Ocio / Animação Sociocultural

Teatro / Lazer / Ócio - Necessidade Humana e Projecção Sociocultural

O Teatro nasce da Festa, tem origem em rituais, a sua gênese liga-se ao colectivo ao agir e ao interagir.

O teatro é assim movimento, acção, comunicação e na sua forma de arte utiliza a vida como fonte sem contudo ser vida plena.

O teatro começou assim por ser aquilo que hoje definimos como teatro como meio de animação sociocultural porque na festa não existiam espectadores passivos, não havia os que faziam e os que viam, todos eram actores, todos se assumiam como protagonistas na celebração da vida vivida com a intensidade dos crentes resultante da acção dramática partilhada, sentida e intensa.

Este teatro como meio de animação surge com o homem e como uma necessidade sua para que o homem se torne humano e ser humano significa desenvolver uma série capacidades todas elas derivantes de um teatro promotor de meios destinados a projectar a expressividade, a criatividade, a espontaneidade, a confiança e sobretudo a comunicação inter homens.

O teatro é assim uma grande necessidade humana e que a nosso ver constitui mesmo uma necessidade básica, para dar sentido positivo aos tempos libertos e aos problemas resultantes da incomunicabilidade, da intolerância, da tensão, da violência, da depressão, das angustias, do stress, da mecanização da vida, da perda do sentido da vida, da ausência de afectos em suma da falta de humanismo presente na vida de hoje.

Um teatro na perspectiva da animação sociocultural e do lazer liga-se ao fazer teatro em vez do ver teatro, isto é ir de encontro a uma metodologia que passa por considerar mais o processo do que o produto espectáculo. Porque o processo é o que leva ao estabelecimento simultâneo de relações sociais e educativas através do vivenciar e do partilhar ideias, sentimentos, opções estéticas associadas a referências parateatrais comunitárias e a formas de compreensão de textos a partir de contextos e pretextos onde se relevam a história, os feitos, os acontecimentos e a formas de leituras plurais que manifestem visões plurais em relação ao mundo de hoje.

Teatro como meio de animação sociocultural que constitui o indicador maior sobre a participação activa dos cidadãos com cidadania plena e caso contrario também nos fornece a informação deficitária sobre a ausência ou a parca participação. Um teatro que se liga ainda ao viver o tempo animando e não fazendo essa coisa assassina que se chama matar o que há de mais precioso no Homem, o tempo. É esta dimensão de teatro como meio de animação sociocultural que defendemos e que nos foi transmitida por pedagogos como Federico Garcia Lorca o grande poeta da humanidade, o grande pedagogo das palavras ditas e da acção difundida quer como missionário das missões pedagógicas Espanholas, quer como dramaturgo, encenador, actor e animador teatral. Eis um dos seus muitos testemunhos que para nós constituem exemplos e máximas de referência:

“[...] O teatro é um dos mais expressivos e úteis instrumentos para a edificação de um país e é o barômetro que assinala a sua ascensão ou queda.[...] O teatro é uma escola de pranto e de riso e uma tribuna livre de onde os homens podem demonstrar morais velhas ou equívocas e explicar, com exemplos vivos, normas eternas do coração e do sentimento do homem. Um povo que não ajuda e não fomenta o seu teatro, se não está morto, está moribundo; da mesma forma, o teatro que não recolhe o pulsar social, o drama das suas gentes e a cor genuína da sua paisagem e do seu espírito, pelo riso ou pelas lágrimas, não merece que se lhe chame teatro, mas sim sala de jogo ou local para fazer essa coisa horrível que se chama matar o tempo [...]” (LORCA, 1977, p.235).

Como já afirmamos esta concepção de teatro liga-se à necessidade de promover a comunicação humana e transformar o ver teatro no fazer teatro. Aqui importa sublinhar que no nosso entender nem todos podem ser actores profissionais, mas todos podem utilizarem as actividades dramáticas para potenciarem a capacidade expressiva e comunicativa, o trabalhar a voz, a criatividade, a espontaneidade, a desinibição, o aprender a falar e a estar em público, a confiança, a observação, a coordenação do movimento, a concentração e o viver em ligação com o humano. Este teatro pode ser feito por gagos, deficientes, gordos, magros, altos, baixos, bonitos, feios e por pessoas tidas como normais. Apenas existe uma condição para fazer este teatro é ter alma, isto é ser portador da dimensão do sentido etimológico da palavra animação que como diz Ventosa, (1993, p. 14) assenta numa perspectiva bidireccional onde no campo individual é entendida como *anima* ligando-se à vida e ao sentido da mesma e na perspectiva do colectivo projecta-se como *animus* vivenciada a partir do movimento e do dinamismo.

Reforçamos a idéia de que todos podem e devem fazer teatro porque todos sabem fazer este teatro que assenta no processo e recusa apenas a função redutora do produto teatral. O teatro processo liga-se assim a uma necessidade humana que busca e procura aprofundar uma participação activa, critica e solidária. O teatro produto vai ao encontro de um número reduzido de pessoas que fazem do teatro uma opção profissional de vida.

Teatro como meio de Animação Sociocultural como reforço da democracia participada onde o ser humano não delegue mas se assuma a partir de uma participação comprometida que o torne protagonista da procura da sua autonomia plena e do seu autodesenvolvimento.

Procurando um certo paralelismo entre este teatro e o conceito latino americano de um teatro do oprimido e tendo em conto o percurso histórico deste teatro trazido à colação por Boal e inspirado na pedagogia do oprimido de Paulo Freire importa ter presente a evolução econômica, social, política, cultural, social que lhe conferem na actualidade importância relativa aos meios mas cujos fins carecem de actualização.

O Teatro do oprimido localiza-se num espaço e num tempo histórica onde as classes dominadas e denominadas de oprimidas provinham essencialmente de operários e camponeses vítimas da exploração das classes dominantes e onde este teatro procura a libertação dos dominados assumindo-se este teatro ser essencialmente um arma de combate político inserida nesta dialéctica de luta de contrários.

Hoje o conceito de oprimido aparece no nosso entender como algo que ultrapassa a dimensão econômica e social e se liga a questões como:

- A mecanização da vida: entendida a partir do facto das pessoas consumirem mais tempo em diálogos mecânicos (telemóvel e Internet) do que na relação interpessoal;
- A incomunicabilidade: cada vez mais as pessoas se tornaram anônimos no meio da multidão e cada vez mais as pessoas vivem vidas virtuais a partir de telenovelas e novelas desprovidas de sentido e ignoram a sua existência real;
- A ausência de afecto: resultante da falta de humanismo na vida e na crise da família;
- Desequilíbrio geográfico humano: onde o litoral se apresenta como denso, tenso, desumano, violento e o rural desertificado sem vida

humana e cada vez mais como espaço não habitado e normalmente terra para ser queimada.

- Ócio ligado apenas ao negócio: onde o tempo livre é normalmente consumido nas chamadas grandes superfícies.
- Acentuada desigualdade social: Sentida em espaços e esferas vitais como na saúde, trabalho, reforma, educação, assistindo-se ao elevado desajuste de haver gestores a auferirem cinquenta mil euros mensais e trabalhadores a ficarem pelas três centenas e meia de euros, existirem reformados a auferirem somas astronômicas mensais e outros a terem de optar entre o comer e a farmácia...
- Deformação da Democracia que passa pela negação da participação democrática e cada vez mais entendida por uma delegação anónima e pela existência de uma classe política desfasada da realidade e que reduz os cidadãos a eleitores para uma participação calendarizada da eleição.

Os tempos em que vivemos requerem um Ócio e um Lazer criativos e para isso o Teatro e a Animação devem buscar estratégias de intervenção que levem o ser humano não a ser Especta – actor mas sim Anima-actor.

REFERÊNCIAS

ANDER-EGG, Ezequiel. **Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural**. Madrid: Editorial CCS, 2000.

BARATA, J. Oliveira. **História do Teatro** – Textos de Apoio. Coimbra: Edição do Autor, 1977.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1974.

_____. **Técnicas Latino Americanas de Teatro Popular**. Coimbra: Centelha, 1977.

BOAL, Augusto. **Duzentos e Tal Exercícios e Jogos para o Actor e o não Actor com ganas de dizer algo através do Teatro**. Lisboa: Vozes na Luta – Cooperativa de Acção Cultural, 1978.

CANCLINI, Nestor . **Diferentes, Desiguales y desconectados**: mapas de la interculturalidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.

CARIDE, Jose António; MARTINS, José; VIEITES, Manuel. **Animação Teatral**. Teoria e Prática. Porto: Campo das Letras, 2000.

CHAUCHARD, Paul. **Trabalho e Lazer**. Coimbra: Atlântida Editora, 1968.

CUENCA, Manuel . Ócio e Animação: novos tempos. In. PERES, Américo; LOPES, Marcelino (Coords.). **Animação, Cidadania e Participação**. Chaves: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia, p. 126-139, 2006.

DUMAZEDIER, J. **Hacia una Civilización del ocio**. Barcelona: Estela, 1964.

FRIEDMAN, G. **O Futuro do Trabalho Humano**. Lisboa: Morais, 1981.

GONZÁLEZ, Lucía Días. **El Teatro**. Necesidad humana y proyección sociocultural. Madrid: Editorial Popular, 1987.

GUTKIN, Adolfo. Festa Popular e Teatro. In: **Teatruniversitário**. Coimbra: TEUC, 1981.

KAPLAN, M. Leisure in América: a social inquiry. New York: John Wiley & Sons, 1960.

LEIF, Joseph. **Tiempo Libre y Tiempo para uno mismo** – un reto educativo y cultural. Madrid: Narcea, 1992.

LELLO, José; LELLO, Edgar. **Diccionario Prático Ilustrado**. Porto: Lello e Irmão Editores, 1974.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal** – Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2007.

LOPES, Marcelino de Sousa. **Animação Sociocultural em Portugal**. Amarante: Intervenção, 2006.

LÓPEZ ANDRADA, B. *et al.* **Tiempo Libre y Educación**. Madrid: Editorial Escuela Española, 1982.

LORCA, Federico. Charla sobre Teatro. In: BARATA, José Oliveira. **História do Teatro**. Coimbra: Edição do Autor, 1977.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 10. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. 7. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2003.

PARRY, N.; PARRY, J. **Theories of culture and leisure**. Paper presented at leisure Studies Association Conference, University of Manchester, 1977.

RAMOS, Adília. Lazer, Turismo e Termalismo. Inovação e Complementaridade no Turismo de Saúde. **Revista Turismo e Desenvolvimento**, Aveiro, p. 7-18, 2008.

SAVATER, Fernando. **Os Dez Mandamentos no Século XXI** – Tradição e actualidade do legado de Moisés. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

TORKILDSEN, G. **Leisure and Recreation Management**. 4. ed. London: Spon Press, 2000.

TRILLA, J. *et al.* **La educación fuera de la escuela**. Ámbitos no formales y educación social. Barcelona: Ariel Educación, 2003.

VEGA, Roberto. **El Teatro en La Comunidad**. Buenos Aires: Ediciones Paulinas, 1986.

VENTOSA, Victor. **Fuentes de la Animación Sociocultural en Europa**. Madrid: Editorial Popular, 1993.

Endereço do Autor:

Marcelino de Sousa Lopes
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Apartado 1013
5001-801 Vila Real
Portugal
Endereço Eletrônico: mlopes@utad.pt